

Ethos, cenografia e dimensão moral dos enunciados: análise de uma *live*

Ethos, scenography and moral dimension of utterances: analysis of one Live broadcast

Edvania Gomes da Silva¹
Talita Souza Figueredo²

Resumo: Neste artigo, analisamos uma *live* do ex-presidente Jair Bolsonaro a fim de verificar se as formulações selecionadas como *corpus* estão ou não ajustadas aos valores vigentes na sociedade brasileira contemporânea. Como aporte teórico, recorreremos aos conceitos de cenografia e ethos, de Maingueneau (2005); e à noção de virtude discursiva, de Paveau (2015). Os resultados indicam que há um desajuste³ em relação aos agentes, ao mundo e à memória, o que pode ser comprovado pelo ethos e pela cenografia que emergem da *live* analisada, e também pelos dados complementares, os quais indicam a existência de contradiscursos que rechaçam as teses defendidas pelo principal locutor da *live*.

Palavras-chave: ethos; cenografia; virtude discursiva; contradiscurso; *live*.

Abstract: In this article, we analyze a live broadcast by former President Jair Bolsonaro in order to verify whether the formulations selected as corpus are or are not adjusted to the values in force in Brazilian contemporary society. As a theoretical contribution, we resorted to the concepts of scenography and ethos, by Maingueneau (2005); and the notion of discursive virtue, by Paveau (2015). The results indicate that there is a maladjustment in relation to the agents, the world and the memory, which can be demonstrated by the ethos and scenography that emerge from the analyzed broadcast, and also by the complementary data, which indicate the existence of counterdiscourses that reject the theses defended by the main speaker of the broadcast.

Keywords: ethos; cenography; discursive virtue; counterdiscourses; live broadcast.

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Departamento de Estudos Linguísticos e Literários Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES / UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES / UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: edvania.gomes@uesb.edu.br.

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES/ UESB). E-mail: figueredo.tali@gmail.com.

³ Todas as vezes que falamos em *desajuste* aqui estamos fazendo referência ao que Paveau (2015) chama de *ajustes do ambiente*, que explicitaremos na fundamentação teórica deste artigo. Logo, o desajuste de que tratamos está relacionado à falta de ajuste do ambiente.

Introdução

O principal objetivo deste artigo é analisar enunciações do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, a fim de verificar a dimensão moral do discurso materializado nas formulações apresentadas. Para tanto, recorreremos, como *corpus*, a uma *live* cujo principal locutor é o referido sujeito político. A *live*, transmitida ao vivo no dia 30 de dezembro de 2020, foi postada nas páginas pessoais do *Facebook* e do *Youtube* de Bolsonaro e faz uma espécie de resumo das principais teses defendidas durante seu mandato.

Com base em Marie-Anne Paveau (2015), supomos que o referido dado materializa discursos e memórias que se relacionam, em maior ou menor grau, com o que a autora chama de virtude discursiva. Nesse sentido, a pergunta de pesquisa que norteou este trabalho foi: a *live* analisada está ajustada aos valores vigentes na sociedade brasileira contemporânea? Se, sim, quais valores morais fundamentam o(s) discurso(s) materializados na referida *live*? E, se não, quais as marcas ou indícios que apontam para esse desajuste? Para responder a essa questão-problema, levantamos a hipótese de que a *live* analisada materializa discursos que estão desajustados em relação aos valores de uma parcela da sociedade brasileira, o que pode ser comprovado, também, pela análise das demais materialidades significantes que apresentamos como dados complementares e que funcionam como contradiscursos em relação aos discursos materializados na *live*.

O texto está organizado da seguinte forma: além desta Introdução, na qual indicamos o objetivo do trabalho, apresentamos, no tópico 2, algumas considerações teóricas; no tópico 3, discutimos, brevemente, a metodologia de análise adotada; no 4, procedemos à análise dos dados, apresentando tanto trechos da *live* quanto dados que estamos chamando aqui de complementares; e, no tópico 5, retomamos os principais pontos do artigo a fim de sintetizar os resultados do trabalho, conferindo-lhe um efeito de conclusão. Por fim, apresentamos as referências que estão na base de elaboração deste artigo.

Considerações teóricas

Como principal referencial teórico deste trabalho⁴, recorreremos a Paveau (2015), que propõe: “formular a questão ética para linguística, em especial a linguística do discurso” (Paveau, 2015, p. 211). Ainda segundo a autora, a referida questão não pode ser abordada pela linguística que se baseia na separação entre linguístico e extralinguístico. Por isso, ela assume

⁴ Importante salientar que, apesar de ser o principal referencial do trabalho, o texto de Paveau não é o único. Nas análises, recorreremos a outros conceitos-operacionais, tais como efeito metafórico (PÊCHEUX, 2014 [1969]) e estereótipo (Amossy; Pierrot, 2005; Gatti, 2014), que nos ajudam a demonstrar como funciona, linguisticamente, o desajuste de que trata Paveau (2015).

uma perspectiva simétrica, em que linguístico e extralinguístico são considerados em um *continuum*, pois assim, a dimensão ética pode ser observada. Para a autora, tal perspectiva permite enxergar as produções verbais dentro de uma abrangência maior, pois avalia o conjunto do sistema que permite o funcionamento de tais produções. Tal sistema é constituído por ambientes humanos e não humanos. É, portanto, a partir da relação com o sistema, os falantes e seus ambientes que Paveau (2015) propõe tratar do que chama de virtude, a qual está, em alguma medida, relacionada aos ajustes do ambiente (Paveau, 2015, p. 213). E, para tratar de virtude discursiva, Paveau (2015) recorre à noção de virtude epistêmica, pois, assim como existe uma dimensão moral do conhecimento, ela também propõe a existência de “uma dimensão moral do discurso” (Paveau, 2015, p. 213).

Ainda em relação ao discurso virtuoso, a autora afirma tratar-se de discurso “ajustado aos valores vigentes na realidade complexa dos agentes e de seus ambientes” (Paveau, 2015, p. 214). Para definir o que entende por *ajuste*, ela recorre a três elementos, que são, respectivamente, os agentes, considerando-se nesse caso as relações estabelecidas por diferentes agentes; o mundo, visto a partir da vinculação com o ambiente; e o conjunto da memória discursiva das sociedades, constituído pelas diferentes produções verbais que circulam socialmente. Com base no exposto, a autora define virtude discursiva como:

Uma disposição do agente-falante para produzir enunciados ajustados aos valores subjacentes às inter-relações dos agentes, à maneira de dizer o estado das coisas e ao modo de integrar-se na memória discursiva na qual se tecem os discursos de uma sociedade em dado estado de sua história (Paveau, 2015, p. 216).

Para explicar essa noção de virtude discursiva, a autora baseia-se em uma perspectiva simétrica, o que pressupõe, como dito anteriormente, um *continuum* entre agentes humanos e o conjunto de elementos do ambiente, concebido também como agente. Todos esses agentes contribuem em diferentes graus para produção dos discursos. Além disso, é importante salientar que a noção de memória de Paveau é uma releitura, a partir de uma perspectiva da cognição distribuída, da noção de memória discursiva de Jean Jacques Courtine (1981). Por isso, a autora trata do que chama de memória cognitivo-discursiva, definida, por ela, como “uma tecnologia discursiva ao mesmo tempo interna (memória humana) e externa (instrumentos linguísticos e discursivos, mas também vestígios materiais da memória no conjunto do ambiente) [...]” (Paveau, 2015, p. 234).

Para aprofundar a noção de virtude discursiva, Paveau (2015) recorre à descrição de três propriedades que ajudam a definir o referido conceito-operacional. São elas: *existência*, *disposição reflexiva* e *plasticidade axiológica*.

Em relação à *existência*, dizemos, com base em Paveau, que a virtude discursiva existe nos âmbitos cognitivos, apoiada nos valores que têm existência objetiva. Nesse sentido, são os comentários morais em torno de algo que foi proferido que nos permitem atestar a existência ou não da virtude discursiva. É por isso que, para analisar a *live* do dia 30 de dezembro de 2020, recorreremos a algumas formulações linguísticas, relacionadas aos temas tratados tanto na referida *live* quanto em outros momentos do governo Bolsonaro.

No que se refere à *disposição reflexiva*, a autora defende que o ajuste discursivo, relacionado aos agentes, ao mundo e à memória discursiva, é fruto de uma atividade reflexiva dos falantes, uma vez que eles avaliam seu dizer, com base nos efeitos que estes elementos (agentes, mundo e memória) são capazes de produzir. Nesse sentido, a autora defende que a ética é uma questão de saber prático.

Por fim, em relação à *plasticidade axiológica*, a autora indica que os valores são *plásticos*, isto é, modificáveis e adaptáveis, o que nos permite jogar com eles. Desse modo, é possível tanto transformar enunciados não virtuosos em virtuosos quanto o contrário. Essa *plasticidade axiológica* permite explicar, por exemplo, porque os apoiadores de Bolsonaro interpretam o *ethos* virulento, materializado nas falas do referido sujeito político, como sinal de coragem; e enxergam a cenografia do insulto, que também está presente nas formulações de Bolsonaro, conforme indicado nas análises, como marca de sinceridade.

Para identificar os indícios que apontam o desajuste da *live* em relação aos valores vigentes, recorreremos a dois conceitos-operacionais apresentados nos trabalhos de Dominique Maingueneau: *ethos* e cenografia. Segundo o referido autor, *ethos* é uma noção que surge na retórica antiga e que é reconfigurada por ele, com base no quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso de orientação francesa. Para esse autor, trata-se de uma noção que permite: “refletir sobre o processo mais geral de adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (Maingueneau, 2005, p. 69). Ainda segundo o autor, o *ethos* revela, por meio da enunciação, *a personalidade do enunciador*. Tal noção compreende não só a dimensão propriamente vocal, “mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas pelas representações coletivas à personagem do enunciador” (Maingueneau, 2004, p. 98). As determinações físicas dizem respeito à corporalidade; e as compleições psíquicas estão relacionadas ao caráter.

No que se refere à cenografia, o autor a define como um correlato da própria enunciação, pois é esta última que “ao se desenvolver esforça-se por constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (Maingueneau, 2004, p. 87). A cenografia leva, portanto, o quadro cênico (cena englobante e cena genérica) a se deslocar para um segundo plano, pois, quando um texto apresenta uma cenografia, é por meio dela que esse texto se *mostra* ou se *dá a conhecer*. Em relação aos dados aqui analisados, veremos que ethos e cenografia funcionam como indícios do desajuste da *live*, o que aponta para a construção de um discurso não virtuoso.

Considerações metodológicas e descrição do ambiente

A *live* analisada faz parte de uma série de vídeos, nomeada de *Lives de quinta-feira*, e constitui uma prática comunicativa que o ex-presidente adotou desde a campanha presidencial de 2018, que culminou com sua eleição para presidente do Brasil, cargo que exerceu de 1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022. As *lives* de quinta-feira aconteceram sempre às 19h. A primeira gravação com Bolsonaro já como presidente eleito ocorreu no dia 12 de dezembro de 2018 e a última, no dia 30 de dezembro de 2022. A *live* analisada foi transmitida no dia 30 de dezembro de 2020. Ela apresenta um resumo de pontos de vista defendidos por Bolsonaro e seus apoiadores principalmente ao longo de seu governo.

O cenário da *live* pode ser descrito, sucintamente, assim: a gravação ocorreu em uma sala branca, com uma mesa de vidro; sobre a mesa, haviam papéis espalhados, um fone de ouvidos e uma caneca com o *slogan* da rádio *Jovem Pan*; ao fundo, havia uma cortina de cor bege. Bolsonaro encontrava-se sentado, ao centro da mesa, com um convidado à direita (essa *live* teve dois convidados: em um primeiro momento, o convidado é Max Guilherme Machado de Moura, apresentado, por Bolsonaro como sendo sargento da Polícia Militar/PM e membro do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), no Rio de Janeiro, além de trabalhar com o próprio Bolsonaro em Brasília; o segundo convidado, que entrou após a saída de Mozart Pereira, é apresentado como sendo Mozart, primeiro Tenente do Exército Brasileiro; o intérprete, que está à esquerda do presidente, é Diego⁵, que, também segundo Bolsonaro, é membro da Igreja Batista do Povo de São Paulo e está colaborando voluntariamente para que os surdos tenham acesso ao conteúdo da *live*. A informação de que

⁵ Em relação ao intérprete Diego, não temos como saber o sobrenome desse indivíduo, porque o ex-presidente Bolsonaro só o apresenta pelo primeiro nome e não há qualquer outra informação na *live* que nos dê alguma indicação de onde encontrar esse sobrenome. Contudo, entendemos que essa falta de informação é um dado, porque funciona como mais um indício do tom de informalidade assumido por Bolsonaro e seus interlocutores nas *lives* de quinta-feira.

o intérprete é membro da Igreja Batista é dada por Bolsonaro e serve para reforçar a vinculação do ex-presidente com os membros da referida igreja, o que reforça também a relação entre Bolsonaro o discurso religioso. Na *live*, ao dar essa informação, o referido sujeito político interage com seus seguidores que se identificam com o campo religioso, como se dissesse que *escolhe* pessoas religiosas para trabalhar com ele. E mais, que o intérprete Diego é uma pessoa boa, pois trabalha de forma voluntária para que as pessoas surdas tenham acesso ao que está sendo dito na *live*. Bolsonaro vestia uma blusa vermelha, semelhante a um uniforme de futebol, contendo a seguinte frase *Lei do mandante, eu apoio*. Nem ele nem nenhum de seus convidados usavam máscaras. Na *live*, Bolsonaro era o principal locutor, portanto ele introduzia os diferentes assuntos, bem como conduzia o tom do programa, que variava, a depender do tema tratado. A *live* teve duração de 1h4min26s.

Do ponto de vista da metodologia de análise, selecionamos os seguintes temas abordados na *live*: 1) excludente de ilicitude; 2) postura diante da pandemia de COVID-19; e 3) *brincadeiras* ofensivas com nordestinos e obesos. Tal escolha baseou-se na regularidade com a qual estes temas foram abordados em outros momentos, tanto por posicionamentos discursivos favoráveis quanto pelos contrários ao(s) discurso(s) materializado(s) na *live* analisada. Em relação à forma de composição do *corpus*, acessamos à *live* pelo *Facebook* no endereço: <https://fb.watch/v/1t3kxTQwK> e, posteriormente, procedemos a transcrição da mesma. Tal transcrição foi feita com base nas normas da escrita padrão, pois não é objetivo deste trabalho analisar aspectos relacionados à análise da conversação, como, por exemplo, pausas, marcadores conversacionais, prosódia, etc. Nas análises, apresentamos excertos com enunciados que correspondem a cada um dos temas acima indicados e, com base na teoria sucintamente apresentada, identificamos quais sentidos, estabelecidos a partir da relação entre formulação linguística e ambiente (no sentido de Paveau), encontram-se materializados no *corpus*. Além disso, recorreremos também a outras materialidades significantes: manchetes de notícias, comentários de textos postados na *Internet* e trechos de artigo de opinião, para mostrar o funcionamento dos contradiscursos que fazem referência aos temas selecionados e que criticam a postura assumida pelo ex-presidente.

Análise de dados

O primeiro, dentre os três temas abordados neste artigo, é o *excludente de ilicitude*. Vejamos, então, um trecho da *live* em que o tema apareceu:

(EXCERTO 1)⁶

O que eu pretendo com a nova mesa, com as novas mesas da câmara e do senado, que se decide agora em primeiro de fevereiro do ano que vem, é colocar em votação o que a gente chama de excludente de ilicitude, ou seja, o policial acabou de cumprir uma missão que alguém pagou a missão para ele, [...] e, após o cumprimento da missão, não é justo o policial receber a visita no dia seguinte do oficial de justiça, começar a responder processo, [...] se tiver que usar excludente de ilicitude, sendo vários integrantes das forças armadas garotada de 22, 23 anos de idade, é soldado, é cabo, é sargento, temos tenente também, que respondem, [...] quem assina o decreto de GLO é o presidente da república, o presidente fica numa boa e a tropa que se vire, então o que a gente pretende é botar em votação, pra gente poder ter paz para trabalhar, tá certo? (*Live* de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos)⁷

Nesse excerto, há uma expressão metaenunciativa — o que a gente chama de [...] — por meio da qual Bolsonaro indica que a expressão “excludente de ilicitude” não é aceita por todos, mas é o nome dado por aqueles que defendem que o policial não pode ser punido por “cumprir uma missão”, que lhe foi confiada por terceiros. Da forma como é apresentado pelo ex-presidente, o excludente de ilicitude parece perfeitamente ajustado aos agentes, ao mundo e à memória discursiva, conceitos que apresentamos acima e que estão vinculados à noção de virtude discursiva de Paveau. Esse ajuste se marca, principalmente, no tom assumido pelo locutor, que fala como um pai justo e preocupado com a “garotada de 22, 23 anos de idade” que precisa “se virar” para responder a um processo, enquanto “o presidente fica numa boa”. Esse tom cuidadoso e preocupado, mas, ao mesmo tempo descontraído – pois usa termos pouco formais como “garotada”, “numa boa” e “que se vire” – é uma das marcas do *ethos* assumido pelo locutor Bolsonaro na *live*. Além disso, ele afirma que o excludente de ilicitude servirá “para gente poder ter paz para trabalhar”. Nesse caso, o pronome “a gente” faz referência tanto ao próprio locutor, que ocupava, naquele momento histórico, a posição de presidente da república, quanto aos soldados, cabos, sargentos, tenentes, citados por Bolsonaro anteriormente, e que, ainda segundo o argumento defendido por ele, acabavam sendo prejudicados e tendo que responder processos por conta de uma decisão que veio de cima: do próprio presidente que assinou o decreto de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). Nesse caso, Bolsonaro refere-se à posição discursiva de presidente da república como se não

⁶ Chamamos de **Excertos** os trechos da *live* de Bolsonaro, que é o *corpus* deste artigo, e de **Exemplos** as notícias, reportagens, artigos de opinião etc., que funcionam aqui como dados complementares e servem, como dito, para mostrar o funcionamento dos contradiscursos que fazem referência aos temas selecionados e que criticam a postura assumida pelo ex-presidente em relação a esses temas.

⁷ Sublinhamos as partes do excerto que mobilizamos mais detidamente na análise. Contudo, defendemos que o excerto como um todo é importante para compreensão da temática que está sendo abordada por Bolsonaro na *live*. Por isso, os excertos selecionados não apresentam apenas palavras, expressões ou frases por nós destacadas.

fosse ele o sujeito pragmático que está, naquele momento, ocupando esse lugar. Isso reforça a hipótese que apresentamos acima segundo a qual ele assume, na *live*, uma outra posição discursiva: a de pai que se preocupa com o futuro dos filhos, os quais chama, reforçando esse tom de conselho informal, de “garotada”. Nesse sentido, a cenografia da *live* mostra-se, desde as primeiras falas de seu principal locutor, como uma conversa informal. Tal cenografia é reforçada pelos demais elementos do ambiente: a forma de Bolsonaro se vestir, com uma camiseta vermelha, semelhante a um uniforme de futebol, em vez de terno e gravata; e a mesa de vidro, contendo papéis espalhados, um fone de ouvidos e uma caneca com o *slogan* de uma rádio, o que reforça a imagem de um suposto improvisado e, portanto, de informalidade.

A forma de Bolsonaro se referir aos convidados também constrói esse tom informal, pois dois deles são apresentados aos espectadores da *live* apenas pelo primeiro nome: Diego e Max, como indicamos acima. E o terceiro, mesmo sendo apresentado como Tenente Mozart, também revela, na forma como é tratado por Bolsonaro, traços de informalidade. Isso porque, o ex-presidente demonstra não saber ao certo qual é a patente do convidado e refere-se a ele por meio da descrição de uma relação pessoal e, até certo ponto, vaga, já que “serviu muito bem” é uma expressão que indica uma avaliação bastante subjetiva, pois o sentido de “bem” não é precisado, como indica o excerto abaixo:

(EXCERTO 2)

Bolsonaro: agora vai sentar aqui o Tenente Mozart do exército brasileiro, [...] ele me acompanha, trabalha comigo também, cê é primeiro tenente né?

Mozart: Primeiro tenente...

Bolsonaro: Primeiro tenente do exército brasileiro [...] meu colega de armas que serviu muito bem né? (*Live* de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos).

Apesar de, como dito acima, o “excludente de ilicitude” ser apresentado, na *live*, como ajustado aos agentes, ao mundo e à memória discursiva, várias postagens encontradas na *Internet* materializam discursos que se contrapõem a essa interpretação. A esse respeito, citamos dois exemplos. O primeiro deles (EXEMPLO 1) corresponde à manchete e ao *lead* (resumo ou primeiro parágrafo do texto) de uma notícia publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, em sua edição digital, no dia 21 de outubro de 2018. A manchete diz: “*Bang bang*, a ‘licença para matar’ no programa de Bolsonaro”. E, no *lead*, lemos: “Proposta feita por Bolsonaro para dar ‘carta branca’ para policiais matarem em serviço sem dar explicação à justiça, é polêmica”. O segundo dado (EXEMPLO 2) desse bloco analítico é uma outra manchete, agora de um texto publicado, em 6 de fevereiro de 2021, na página oficial da

Internet do Partido Comunista do Brasil — PCdoB, a qual corresponde à seguinte formulação: “Bolsonaro ressuscita ‘licença para matar’ e quer armar milícias”.

Nesses exemplos, conforme descrito acima, vemos que o que Bolsonaro chama na *live* de “excludente de ilicitude” é referenciado como “licença para matar”. Essa paráfrase indica um deslizamento de sentido, uma espécie de substituição orientada que ocorre quando duas expressões são apresentadas como intercambiáveis ou substituíveis “em função de um contexto dado” (Pêcheux, 2014 [1969], p. 94). Para explicar melhor esse tipo de *substituição*, Pêcheux apresentou o conceito de efeito metafórico, definido por ele como “um fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual” (Pêcheux, 2014 [1969], p. 96). No texto *Papel da Memória*, quando trata de memória discursiva, Pêcheux defende que esta funciona, sob o peso do acontecimento discursivo novo, a partir de um jogo de forças que tanto pode instaurar a “estabilização parafrástica” do acontecimento, como a “desregulação” e a “perturbação” dos “implícitos” (Pêcheux, 1999 [1983], p. 52). Uma das formas de marcar linguisticamente essa desregulação dos implícitos é por meio do deslizamento de sentidos produzido pelo efeito metafórico.

No caso analisado, há, nos termos de Paveau (2015), um apagamento da expressão “excludente de ilicitude”, que é, como dissemos acima, substituída pela expressão “licença para matar”. Essa última expressão indica que a proposta de Bolsonaro está desajustada em relação ao mundo porque, em uma sociedade, como é o caso da sociedade brasileira contemporânea, em que o direito à vida deve ser garantido a todos⁸ permitir que as forças policiais tenham “licença para matar” indica um desacordo em relação ao que é socialmente aceito, pois fere um princípio básico da convivência social. Além disso, há ainda uma falta de ajuste na relação com a memória discursiva, uma vez que as leis que defendem a vida em suas diferentes acepções fazem parte dessa memória. Nesse sentido, a expressão “licença para matar” funciona como um oxímoro, pois, em uma sociedade em que o direito à vida é um fundamento, ninguém pode ser licenciado a agir de forma contrária a tal princípio, incluindo as forças policiais, pois estas, também de acordo com a memória discursiva, deveriam garantir a manutenção desse direito.

O segundo tema que selecionamos para análise foi o da crise sanitária gerada pela pandemia de COVID-19. Apresentamos trechos da transcrição da *live* sob análise que diz respeito à forma do presidente conduzir a pandemia. No excerto abaixo, Bolsonaro trata das vacinas:

⁸ No parágrafo 3º, da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH), da qual o Brasil é signatário, lemos que “Todo indivíduo tem direito à vida [...]”.

(EXCERTO 3)

Agora o que que é a vacina quando está em fase experimental e ela é fornecida então, né? [...] elas fazem o seguinte, nós estamos ultimando, estamos terminando aqui uma vacina, aqui pelo que tudo indica, ainda não está comprovada que vai dar certo, mas como tá morrendo gente aí no seu país, estamos ofertando para vocês, mas detalhe isso é regra, como eles não têm ainda o registro não está perfeitamente comprovável, eles não se responsabilizam por efeitos colaterais, agora é obrigação minha dizer isso para a população, muitos sabem disso mas uma parte considerável não sabe, então, se tiver efeito colateral, as empresas não se responsabilizam por isso, [...] mas [...] quem já foi infectado lá atrás e se safou e já está imunizado, se vai ter que tomar ou não, vai ter que tomar não, tem quer saber se pode tomar, ou não. No meu caso particular, como já fui infectado, já tenho anticorpos, eu não vou tomar a vacina (*Live* de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos).

Em outro momento, Bolsonaro defende o que chama de “tratamento precoce”, como podemos constatar no seguinte excerto:

(EXCERTO 4)

Pessoal, vai pro tratamento precoce, procura seu médico e vai pro tratamento precoce, se seu médico achar que não deve dar nada disso, achar o que os outros fizeram com esses três vai pra casa até sentir falta de ar, aí volta pro hospital pra ser entubado porque não tem remédio, faça isso, não tem que ter medo da hidroxicloroquina, ela não causa arritmia, há um mês e pouco atrás a sociedade europeia de cardiologia disse que não causa arritmia [...] e quem não tem algo para oferecer em troca disso que fique quieto, agora eu apelo a vocês pela sua vida, não faz mal hidroxicloroquina, não faz mal ivermectina, Annita a mesma coisa, não custa, é lombrigueiro, pô, toma lombrigueiro, quem sabe dê certo contigo, comigo deu certo (*Live* de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos).

Em outros momentos da *live*, tanto Bolsonaro quanto o tenente Mozart se referem à Hidroxicloroquina e/ou a Ivermectina como sendo remédios para COVID-19 e também como tratamento precoce. Mozart, inclusive, dá um depoimento, segundo o qual ele teve COVID-19, mas, após tomar Cloroquina por três dias, teria ficado “bonzinho”. Ele também diz que é cardíaco e afirma que mesmo assim tomou a Cloroquina, reforçando, desse modo, a fala de Bolsonaro segundo a qual “Hidroxicloroquina não causa arritmia” e, portanto, não faz mal às pessoas cardíacas.

Há, ainda, um terceiro momento em que Bolsonaro trata da pandemia que merece ser destacado aqui. É quando ele se mostra contrário às medidas de isolamento social implementadas em vários Estados brasileiros. A esse respeito, o ex-presidente afirma que:

(EXCERTO 5)

[...] a questão do Covid, né, e falo aqui, não tenho autoridade, porque me foi tirada autoridade pelo Supremo Tribunal Federal, a questão do lockdown, confinamento, isso não dá certo, pessoal, eu tô aqui no Guarujá agora, [...] fui dar uma pescadinha hoje aí fora, a gente se mantém informado o tempo todo do que tá acontecendo [...] a polícia militar recebeu ordem só pode ser do governador João Dória para tirar uma pessoa da praia, então a polícia chegava o pessoal saía da praia, ficava amontoado lá, lá, lá na pista. Uma irracionalidade! Cada um sabe o que tem que fazer com sua vida, [...] aqui em Búzios foi uma decisão de um juiz de primeira instância para fechar tudo e mandar, retirando turista da cidade, isso é um abuso o que tá acontecendo, um abuso (Live de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos).

Em seguida Bolsonaro, complementa sua fala dizendo que “uma maneira de se blindar contra Covid é vitamina D, e isso pega no sol”, o que remete à conclusão de que as pessoas devem sim frequentar as praias, a fim de “pegarem” vitamina D. Todos esses enunciados indicam que Bolsonaro faz afirmações que podem facilmente ser contestadas porque não correspondem à verdade dos fatos e, por isso, não estão ajustadas nem aos agentes, nem ao mundo e nem à memória discursiva. Um exemplo dessa falta de ajuste mostra-se quando Bolsonaro afirma, no Excerto 5, que lhe “foi tirada autoridade pelo Supremo Tribunal Federal” (STF). Essa afirmação mostra-se inverídica quando a comparamos ao que está na decisão do STF. A esse respeito, vejamos o trecho de uma notícia cujo título é: “STF contesta Bolsonaro e diz em nota que nunca proibiu governo federal de atuar contra pandemia”.

O Supremo Tribunal Federal (STF) divulgou nota nesta segunda-feira (18) para esclarecer que a Corte nunca proibiu o governo federal de estabelecer medidas de combate ao coronavírus.

No texto, o STF informa que ‘não é verdadeira a afirmação que circula em redes sociais’ nesse sentido. [...]

‘Na verdade, o Plenário decidiu, no início da pandemia, em 2020, que União, estados, Distrito Federal e municípios têm competência concorrente na área da saúde pública para realizar ações de mitigação dos impactos do novo coronavírus. Esse entendimento foi reafirmado pelos ministros do STF em diversas ocasiões’, afirmou o STF. ‘Ou seja, conforme as decisões, é responsabilidade de todos os entes da federação adotarem medidas em benefício da população brasileira no que se refere à pandemia’, completou (O Globo, 18/01/2021, grifos nossos).

Conforme indicado na notícia acima transcrita, a afirmação de Bolsonaro de que o STF lhe teria tirado a autoridade está em desacordo com a noção de *existência* (Paveau, 2015), pois o que é dito na nota do STF é que “não é verdadeira” a referida afirmação, feita tanto por Bolsonaro quanto por seus apoiadores. Há, portanto, um comentário moral negativo a respeito do que foi proferido pelo ex-presidente, o que nos permite indicar que a afirmação de Bolsonaro na *live* não é virtuosa.

Há, por fim, outros dois momentos que merecem destaque em relação ao tema da pandemia. O primeiro deles é quando Bolsonaro agride verbalmente o governador de São Paulo, João Dória, afirmando que o mesmo perdeu seu respeito. O segundo é quando o ex-presidente afirma que máscara é ficção (isso explica o fato de nem ele nem nenhum de seus convidados usar máscaras nas transmissões que faziam na internet). Vejamos, abaixo, a transcrição desses dois trechos da *live*:

(EXCERTO 6)

O governo de São Paulo, tu é um irresponsável, até porque tu perdeu toda a tua credibilidade quando por decreto fechou São Paulo e foi passear em Miami, tu não o que é povo, [...] prezado João Doria, prezadinho João Dória, tem que tá no meio do povo, se bem que eu não te recomendo ir não, que tu vai se dar mal. Tu vai se dar mal. Tu não sabe o que é povo, tu não sabe o que sentir o cheiro do Povo, nunca entrou na casa de um pobre, eu sempre fiz isso a minha vida toda (*Live* de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos).

(EXCERTO 7)

O que mais vejo, quando fui fazer uma loteria esportiva lá em Brasília no [...] e gentilmente o dono pediu para eu entrar, eu entrei tá todo mundo de máscara, daí eu perguntei as meninas trabalhando né, mas vocês pega o papel, o papel da Mega Sena, pega o dinheiro, [...], não tá sendo protegido de nada, a máscara não protege de nada, isso é uma ficção (*Live* de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos).

Os cinco excertos apresentados acima (excertos: 3, 4, 5, 6 e 7) materializam discursos que apontam, mais uma vez, para uma falta de ajuste em relação aos valores vigentes na sociedade brasileira contemporânea. O excerto 2, por exemplo, está desajustado em relação à realidade do mundo, o que se mostra, num primeiro momento, quando Bolsonaro dá a entender que não há seriedade por parte de laboratórios e empresas que criam e fornecem vacinas à população, uma vez que estes não se responsabilizam por eventuais efeitos colaterais. Nesse caso, o locutor parte de algo que de fato corresponde à realidade, que é a impossibilidade de impedir a existência de efeitos colaterais, para fortalecer seu argumento de que não haveria qualquer garantia de eficácia das vacinas, o que não corresponde minimamente à realidade dos fatos.

Nesse caso, o que funciona é um falso silogismo lógico, pois dizer que todo medicamento, inclusive as vacinas, pode vir a desencadear efeitos colaterais e que os laboratórios responsáveis por esses medicamentos/vacinas não podem impedir, mas apenas minimizar ao máximo tais efeitos, não conduz à conclusão de que não há garantias de eficácia de medicamentos e de vacinas. Em um segundo momento do Excerto 3, Bolsonaro parte de

sua experiência pessoal para veicular uma outra tese, no mínimo, questionável, que é a de que, quem já foi infectado, estaria imune ao vírus. Trata-se, novamente, de uma conclusão falsa, mas criada com base em uma premissa parcialmente verdadeira. Isso porque, mesmo que haja, conforme indicam pesquisas científicas, uma janela imunológica para quem já adquiriu a mesma variante de COVID-19, e que possa, eventualmente, voltar a ser exposto ao vírus, tal janela é válida apenas por um período e não torna o indivíduo imune. A esse respeito, vejamos o que diz um artigo que trata da duração da imunidade contra reinfecção por SARS-CoV-2:

A reinfecção por SARS-CoV-2 em condições endêmicas provavelmente ocorreria entre 3 e 63 meses após o pico da resposta de anticorpos [...]. No entanto, nossos resultados alertam que a reinfecção se tornará cada vez mais comum à medida que as doenças pandêmicas se transformam em doenças endêmicas [...]. Em particular, nossa estimativa argumenta fortemente contra a alegação de que uma resolução duradoura da epidemia poderia surgir devido à imunidade de rebanho à infecção natural ou que a mitigação dos riscos de morbidade e mortalidade a longo prazo pode ser alcançada sem vacinação (Townsend; Hassler; Wang *et al.*, 2022, p. 672, tradução e grifos nossos)⁹.

Nesse caso, Bolsonaro demonstra irresponsabilidade como gestor, uma vez que expõe a população a riscos, por assumir um discurso anticientífico e negacionista¹⁰.

Os Excertos 4 e 5 indicam um desajuste em relação, principalmente, à memória discursiva, pois o excerto 4 revela a defesa de medicamentos comprovadamente ineficazes no combate ao novo coronavírus (SARS-CoV-2), como é o caso da Hidroxicloroquina e da Ivermectina; e o excerto 5 indica que o ex-presidente é contrário a uma medida comprovadamente eficaz em relação à diminuição da transmissão do vírus, que é o isolamento social. Ainda no excerto 5, Bolsonaro, mais uma vez, materializa a cenografia de uma conversa informal e apresenta um exemplo de sua própria rotina, quando afirma que está no Guarujá e que foi “dar uma pescadinha hoje aí fora”. Vale salientar ainda que, do ponto de vista linguístico, as nomeações utilizadas pelo ex-presidente, como chamar o isolamento social de “confinamento” e definir as tentativas de governadores e juízes de garantir o

⁹ Reinfection by SARS-CoV-2 under endemic conditions would likely occur between 3 and 63 months after peak antibody response [...] However, our results caution that reinfection will become increasingly common as pandemic disease transitions into endemic disease. [...]. In particular, our estimate argues strongly against the claim that a longstanding resolution of the epidemic could arise due to herd immunity from natural infection or that mitigation of the long-term risks of morbidity and mortality can be achieved without vaccination.

¹⁰ Segundo Helcira Lima, que desenvolveu uma análise sobre o tema, o negacionismo: “[...] tem como propósito não simplesmente revisar, passar a limpo algum evento histórico ou uma descoberta científica, mas, sobretudo, negá-los a partir de determinados valores e crenças pessoais. [...] São apresentados supostos fatos, versões de obras revisadas, gráficos, artigos, no intuito de criar um efeito de algo credível (Lima, 2020, p. 391).

cumprimento das medidas de restrição de circulação de pessoas como “um abuso”, também indicam uma falta de adequação dessas falas tanto em relação aos agentes, humanos e não humanos, pois não se pode acusar (muito menos autoridades dos poderes Judiciário e Executivo) de cometer “abuso” sem apresentar provas cabais desse abuso; quanto à memória discursiva, pois chamar o isolamento social ocorrido no Brasil de “*lockdown*” e de “confinamento” é ir de encontro a uma memória que aponta para práticas bem distintas das duas anteriormente citadas.

No Excerto 6, o tom ofensivo utilizado para se referir ao governador do Estado de São Paulo, João Dória, reforça a inadequação em relação aos agentes, uma vez que um gestor público não poderia se referir a um outro gestor público chamando-o de “tu”, pronome usado para tratamentos informais, rotulando-o como “irresponsável”, sem apresentar provas dessa suposta irresponsabilidade, e nem se referir ao seu opositor por meio da expressão diminutiva “prezadinho”, pois, nesse caso, o diminutivo funciona como marca de desprezo, de inferiorização e de rebaixamento do outro. Por fim, no Excerto 7, a fala de Bolsonaro no que se refere ao uso de máscaras indica um desajuste em relação ao mundo e também à memória discursiva. Isso porque a eficácia das máscaras no que se refere à diminuição do poder de transmissão do vírus já vinha sendo amplamente divulgada pela comunidade científica. Portanto, um discurso que vai na contramão dessa realidade está desajustado, tanto em relação à realidade cognitiva construída no/pelo mundo quanto no que diz respeito à memória do discurso científico.

Ainda em relação a esse segundo eixo temático, que trata da postura de Bolsonaro diante da pandemia de COVID-19, vejamos alguns exemplos de textos contrários aos posicionamentos assumidos pelo principal locutor da *live*. O primeiro dado analisado neste segundo bloco analítico, que chamaremos de EXEMPLO 3 (os exemplos 1 e 2 fazem parte do primeiro bloco analítico), corresponde a uma matéria publicada no site da revista *Metrópole* em 28/04/2021. O título da matéria enuncia: “Zema critica postura de Bolsonaro na pandemia: ‘Faltou humildade’”. Já a legenda situa a fala supracitada no tempo: “A fala ocorreu durante o evento Transforma Minas, realizado pela Fecomércio - MG nessa quarta-feira (28/04)”. Nesse caso, Romeu Zema, apoiador do ex-presidente Bolsonaro e governador do Estado de Minas Gerais, que foi reeleito no pleito de 2022, afirma, no corpo da matéria, que “faltou ao presidente ‘humildade’ para ouvir especialistas no combate ao novo coronavírus”. Esse excerto aponta para uma falta de relação com mundo, já que, ao não ouvir “especialistas”, Bolsonaro contradiz a importância conferida, na contemporaneidade, ao discurso da competência e da especialização, segundo o qual é necessário estar atento ao que dizem os

especialistas de cada área. Com base nessa explicação, é possível afirmar que Bolsonaro assume um ethos prepotente, contrário à humildade, a qual, segundo Paveau (2015), está relacionada tanto às virtudes intelectuais quanto às virtudes morais (Paveau, 2015, p. 204).

O segundo dado deste bloco (EXEMPLO 4), remete à manchete e ao *lead* de uma matéria da coluna *Viva Voz*, assinada pela jornalista Vera Magalhães e publicada na CBN em 26/02/2021, cujo título é: “Há um descompasso entre o que o presidente diz e faz e o momento em que vivemos”. No lead, lemos:

(EXEMPLO 4)

Vera Magalhães crítica a postura de Bolsonaro diante da pandemia da Covid-19. Ontem, o presidente citou uma pesquisa que mostra efeitos colaterais de máscaras em crianças, ‘com total falta de compromisso’. Comentarista também destaca que ‘toda a estabilidade que queria se passar na economia já está caindo por terra’ [...] (*Viva voz*, 26/02/2021)

Nesse caso, quando recorre ao termo “descompasso”, a jornalista marca, na língua, por meio de uma paráfrase, o desajuste entre as ações do agente humano, que é o presidente Bolsonaro, e os agentes não humanos que caracterizam o momento (e o ambiente) em que vivemos, dentre os quais podemos citar a pandemia do coronavírus e as medidas assumidas por governadores e prefeitos para tentar conter a circulação do vírus causador da COVID-19.

Finalmente, em relação ao tema que nomeamos de *brincadeiras* ofensivas com nordestinos e obesos, apresentamos, a seguir, dois trechos da *live*:

(EXCERTO 8)

Bolsonaro: O gordinho tomou também, aqui, o gordinho, o gordinho aqui é grupo de risco, tá com o que 7 arrobas ou 8 arrobas? (*Live* de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos).

(EXCERTO 9)

Mais alguma coisa cabra da peste? Você é cabra da peste da onde?

Mozart: Ceará

Bolsonaro: Com essa cabeça ai só podia ser (risos) Vem cá, outro cabeçudo, vem cá, vem cá fofuxo, vem cá fofuxo, com essa cabecinha daí tu é da onde, aparece aqui, tu é da onde?

Desconhecido: eu sou da Paraíba

Bolsonaro: Tu é da Paraíba, tranquilo?

[...]

Bolsonaro: Aê (risos). [...] você é paraíba, tu é cabra da peste também [voz em off: cabeça grandona] (*Live* de Bolsonaro do dia 30/12/2020, grifos nossos).

Nos dois excertos acima, o ex-presidente Bolsonaro assume um ethos ofensivo, ao insultar, por meio de supostas “brincadeiras” ao menos duas categorias: obesos e nordestinos. No Excerto 8, ele faz piada com o peso de um dos membros de sua equipe, o qual não aparece na *live*. Além de se referir ao referido sujeito por meio da nomeação “gordinho”, em que, assim como ocorre no caso de “prezadinho João Dória”, o diminutivo funciona como marca de derrisão e de rebaixamento, o ex-presidente retoma uma outra fala em que fez referência “ao peso da população que encontrou no quilombo com medidas usadas para animais de grande porte”, como afirma o texto do jornal *Nexo* que apresentamos abaixo.

Nesse caso, há um desajuste em relação aos agentes, uma vez que não se pode tratar um humano com as mesmas referências que se trata um não humano: um animal de grande porte, como boi, búfalo etc. Além disso, há um desajuste também no que se refere à memória discursiva, porque recorre-se ao artifício do humor para rebaixar uma população que foi historicamente humilhada e colocada à margem da sociedade. Isso no que se refere tanto aos negros, cujo referência é retomada quando Bolsonaro recorre, novamente, à expressão “arobas”, o que remete ao comentário que fez sobre os negros moradores de quilombos, quanto aos obesos, quando Bolsonaro refere-se ao membro de sua equipe materializando um discurso gordofóbico¹¹.

Em relação ao Excerto 9, há a retomada de um estereótipo sobre nordestinos. Segundo essa imagem cristalizada, os nordestinos têm cabeça grande e/ou chata. No que diz respeito à noção de estereótipo, Amossy e Pierrot (2005) mostram que essa é uma noção que interessa a diferentes disciplinas e que cada uma dessas disciplinas constrói seu objeto em função de sua lógica própria. Segundo as autoras, o termo estereótipo surge relacionado ao campo da tipografia e diz respeito a algo que é rígido como placas cujos caracteres servem para ser usados em várias tiragens de jornais impressos. A palavra estereotipia liga-se, portanto, à ideia de rigidez, pois supõe algo fixo, cristalizado. Amossy e Pierrot (2005) indicam, ainda, que, na Análise de Discurso, a noção de estereótipo pode ser aproximada do conceito de pré-construído. Contudo, Gatti (2014) defende que há aproximações, mas também distanciamentos entre as noções de estereótipo e de pré-construído.

Concordamos com Gatti (2014) quando trata dos estereótipos que se vinculam a pré-construídos, pois, no caso dos estereótipos materializados pelas falas de Bolsonaro sobre

¹¹ “Gordofobia é um neologismo para o comportamento de pessoas que julgam alguém inferior, desprezível ou repugnante por ser gordo. Funciona como qualquer outro preconceito baseado em uma característica única”, explica o Dr. Adriano Segal, psiquiatra do Centro Especializado em Obesidade e Diabetes do Hospital Alemão Oswaldo Cruz. Disponível em: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/noticias/precisamos-falar-de-gordofobia/>. Acesso em: 07 abr. 2023.

pessoas obesas e também sobre nordestinos, identificamos esse tipo de estereótipo. Isso porque, há, nesses casos, a retomada de uma posição-sujeito preconceituosa, segregadora e fascista, que busca diminuir e ridicularizar o diferente, com base no artifício do humor. Nesses exemplos, “o ponto essencial da ideia de pré-construído é a sua estreita relação com a interpelação dos indivíduos em sujeitos de um discurso e não só o fato da detecção de que algo fala antes” (Gatti, 2014, p. 398). No caso das formulações proferidas por Bolsonaro na *live* acerca dos obesos e dos nordestinos, podemos identificar isso que Gatti (2014) refere como uma “estreita relação com a interpelação dos indivíduos em sujeitos de um discurso”. Não se trata, portanto, de estereótipos como *criança ingênua* ou *criança imaginativa*, os quais não estariam submetidos a um discurso específico. Trata-se de estereótipos vinculados a discursos inscritos em ambientes, no sentido de Paveau (2015), em que a discriminação e a segregação do *diferente* funcionam como condição para interpretação do mundo.

No que se refere aos contradiscursos acerca do tema das ofensas, apresentamos as seguintes materialidades significantes. No (EXEMPLO 5), temos a manchete e o *lead* de um texto publicado no site da Central Única de Trabalhadores (CUT), em 12/10/2022. A manchete diz: “Confira os 10 piores insultos de Bolsonaro aos nordestinos”, seguida do *lead*: “Desde que era deputado, Bolsonaro ofende os nordestinos com palavras e frases preconceituosas, como se nascer na região fosse sinônimo de inferioridade, agora pede os votos daqueles a quem sempre insultou”. O segundo dado que compõe esse bloco analítico, ao qual chamamos de (EXEMPLO 6), é um trecho do ensaio: “O racismo de Jair Bolsonaro: origens e consequência”, de autoria de Franco Alves da Silva e publicado no *Jornal Nexo*, em 17/11/2020.

(EXEMPLO 6)

Seu discurso foi extremamente preconceituoso e discriminatório e empregou diversos artifícios da retórica racista que não são novos no país. O primeiro deles é transformar seu preconceito em piada. Humoristas, rodas de amigos e até livros didáticos já foram responsáveis por perpetuar o tratamento estereotipado da população negra em tom jocoso. [...] não se trata apenas de [...] ‘uma piada de bom humor’: o racismo de Bolsonaro se tornou política pública colocada em prática logo no seu primeiro ano de governo [...]. Bolsonaro também se refere ao peso da população que encontrou no quilombo com medidas usadas para animais de grande porte. A animalização do corpo negro é outra constante da retórica racista, herdeira de um racismo científico que começou no século 19 e continuou pelo século seguinte (JORNAL NEXO, 2020, grifos nossos).

Nos dois exemplos acima, há críticas à posição-sujeito assumida por Bolsonaro. No exemplo 5, recorre-se ao termo “insulto” para definir a forma de Bolsonaro se referir aos

nordestinos, o que indica que a fala do ex-presidente está em desacordo com o mundo e com a memória discursiva, pois o insulto é uma prática linguageira historicamente rechaçada, que se liga a um ethos agressivo. No (EXEMPLO 6), lemos o trecho de um texto em que é dito, entre outras coisas, que Bolsonaro busca “transformar seu preconceito em piada”, o que indica um desajuste das falas do referido sujeito em relação à adequação ao mundo e aos agentes, pois ou ele não consegue diferenciar piada (humor) de preconceito, ou recorre ao humor para *disfarçar* ou *camuflar* suas práticas preconceituosas. Em outro momento, o enunciador do texto se contrapõe a um argumento muito utilizado por aqueles que se identificam com o discurso materializado pelo sujeito político Bolsonaro, pois diz que “não se trata apenas de [...] ‘uma piada de bom humor’”, trata-se do “racismo de Bolsonaro”. Nesse caso, vemos a materialização de um contradiscurso que, por meio de uma frase negativa, coloca em cena o desajuste do discurso materializado nas falas de Bolsonaro. Tal desajuste funciona tanto em relação ao mundo, pois o racismo é algo moralmente condenável, quanto no que se refere aos agentes e suas relações, uma vez que não se espera de um gestor público esse tipo de atitude.

Conclusões

As análises indicam que a *live* não está ajustada aos valores vigentes na sociedade brasileira contemporânea. Os indícios que apontam para esse desajuste são a materialização de um *ethos* virulento e agressivo, o qual está vinculado a uma cenografia que remete ora à conversa informal, em que há, por parte de Bolsonaro, um deslocamento do lugar institucional de presidente da república para o de interlocutor informal, ora ao insulto, em que há também um deslocamento, dessa vez do lugar de presidente para o de agressor. Tal funcionamento é corroborado pela análise das demais materialidades significantes que apresentamos como dados complementares e que funcionam como contradiscursos em relação aos discursos materializados na *live*.

Esses dados indicam que há um estranhamento em relação às atitudes de Bolsonaro, tais como o apoio ao “excludente de ilicitude”; a oposição em relação à vacinação contra COVID-19 e também no que se refere ao isolamento social e, em contrapartida, a defesa de um suposto “tratamento precoce” com Hidroxicloroquina e Ivermectina; e, por fim, as ofensas feitas a obesos e nordestinos. Esse estranhamento, que se materializa nas críticas feitas ao ex-presidente, reforça a tese de que há um desajuste em relação aos discursos materializados na *live* analisada, a qual se opõe aos valores vigentes na atualidade.

Contudo, tal funcionamento só é identificado por uma parte da população, pois uma parcela da sociedade brasileira, justamente aqueles que se identificam com o(s) discurso(s)

materializado(s) na *live*, interpretam o *ethos* virulento como sinal de coragem e a cenografia do insulto como marca de sinceridade. Tal constatação reforça o que defende Paveau (2015, p. 2019), para quem, “a virtude é uma questão de disposição, caráter, está aberta para princípios e comportamentos e, tal como a competência ética, é aprendida”. Ou seja, nem todos apreendem essa virtude, pois, para isso, é preciso estar inserido em práticas discursivas que valorizam e respeitam o outro.

Referências

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereótipos y clichés**. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 1. ed. 4. reimpressão. Buenos Aires: Eudeba, 2005. Enciclopédia Semiológica.

ANÁLISE: POR QUE OS JORNAIS INCOMODAM TANTO BOLSONARO? O Globo, 03/11/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/analise-por-que-os-jornais-incomodam-tanto-bolsonaro-23209336>. Acesso em: 07 abr. 2023.

BANG BANG, ‘LICENÇA PARA MATAR’ NO PROGRAMA DE BOLSONARO. Diário de Pernambuco, 21/10/2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2018/10/bang-bang-a-licenca-para-matar-no-programa-de-bolsonaro.html>. Acesso em: 07 abr. 2023.

BOLSONARO RESSUSCITA ‘LICENÇA PARA MATAR’ E QUER ARMAR MILÍCIAS, 06/02/2021. Disponível em: <https://pcdob.org.br/noticias/bolsonaro-ressuscita-licenca-para-matar-e-quer-armar-milicias/>. Acesso em: 07 abr. 2023.

CONFIRA OS 10 PIORES INSULTOS DE BOLSONARO AOS NORDESTINOS. Central Única dos Trabalhadores (CUT), 12/10/2022. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/confira-os-10-piores-insultos-de-bolsonaro-aos-nordestinos-594b>. Acesso em: 07 abr. 2023.

CRÍTICAS DE BOLSONARO À ROUANET REFLETEM IGNORÂNCIA SOBRE A LEI, DIZEM ARTISTAS. Folha de S. Paulo, 04/10/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/criticas-de-bolsonaro-a-rouanet-refletem-ignorancia-sobre-a-lei-dizem-artistas.shtml>. Acesso em: 07 abr. 2023.

GATTI, Márcio Antônio. Estereótipo e Pré-construído: é possível uma articulação? **Signótica**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 397–414, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/29824>. Acesso em: 3 mai. 2023.

HÁ UM DESCOMPASSO ENTRE O QUE O PRESIDENTE DIZ E FAZ E O MOMENTO EM QUE VIVEMOS. Rádio CBN, 26/12/2021. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/333091/ha-um-descompasso-entre-o-que-o-presidente-diz-e-f.htm?fbclid=IwAR0gc4pBJST-ozF1v11xN6RbFKAJ9NxpIOgZjn19YijAMhZIB1ov-XsKT0>. Acesso em: 07 abr. 2023.

LIMA, H. Discursos negacionistas disseminados em rede. **Revista da ABRALIN**, 2020. v. 19. p. 389-408. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1758>. Acesso em: 07 abr. 2023.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no Discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

PAVEAU, M. **Linguagem e Moral**: uma ética das virtudes discursivas. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2015.

O RACISMO DE JAIR BOLSONARO: ORIGENS E CONSEQUÊNCIAS. *Jornal Nexo*, 17/11/2020. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2020/O-racismo-de-Jair-Bolsonaro-origens-e-consequ%C3%Aancias>. Acesso em: 09 jul. 2023.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso: (AAD-69)**. In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: **Papel da Memória**. Pierre Achard *et al.* Tradução: José Horta Nunes. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999 [1983].

RODRIGUES, S. Precisamos falar de gordofobia. *Hospital Alemão Oswaldo Cruz*. Disponível em: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/noticias/precisamos-falar-de-gordofobia/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

STF CONTESTA BOLSONARO E DIZ EM NOTA QUE NUNCA PROIBIU GOVERNO FEDERAL DE ATUAR CONTRA PANDEMIA. *O Globo*, 18/01/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/18/decisoes-do-stf-nao-proibem-atuacao-do-governo-federal-para-combater-a-pandemia-diz-tribunal.ghtml>. Acesso em: 07 abr. 2023.

TOWNSEND, J. P; HASSLER, H. B., WANG, Z. *et al.* The durability of immunity against reinfection by SARS-CoV-2: a comparative evolutionary study. **Lancet Microbe**, v. 2, December 2021, p. 666-675.

ZEMA CRITICA POSTURA DE BOLSONARO NA PANDEMIA: “FALTOU HUMILDADE”. *Metrópoles*, 24/04/2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/zema-critica-postura-de-bolsonaro-na-pandemia-faltou-humildade>. Acesso em: 07 abr. 2023.

Sobre as autoras

Edvania Gomes da Silva (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6201-7583>)

Professora Titular/Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES / UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES / UESB). É membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/ UESB/ CNPq). Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso, com ênfase nos seguintes temas: discurso religioso; polêmica discursiva e interdiscurso; aforização.

Talita Souza Figueredo (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4336-9583>)

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, também da UESB. Professora da Rede de Ensino do Estado da Bahia.

Recebido em julho de 2023.

Aprovado em setembro de 2023.